

UNICEUB – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACE – FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ELAINE DIAS ALVES
ENICY GOMES ROLIM
LUCIANA GANDRA ARAUJO
MARIA APARECIDA PEREIRA LIMA MILHOMEM
MARINETE FLORÊNCIO DE LIMA

A APLICAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA 1ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL

BRASÍLIA
2005

ELAINE DIAS ALVES
ENICY GOMES ROLIM
LUCIANA GANDRA ARAUJO
MARIA APARECIDA PEREIRA LIMA MILHOMEM
MARINETE FLORÊNCIO DE LIMA

A APLICAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA 1ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Projeto de TCC apresentado ao Curso de Pedagogia – Formação de Professores Para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, parte das exigências da disciplina Monografia II.

Orientador: Antônio Cezar Nascimento de Brito

BRASÍLIA
2005

DEDICATÓRIA

Dedicamos exclusivamente aos nossos filhos, aos nossos maridos e demais familiares, pelo incessante estímulo, paciência, dedicação e companheirismo que têm dispensado a nós e certamente, continuarão sendo nossas inspirações.

AGRADECIMENTOS

Devemos gratidão a Deus, que durante toda a nossa existência tem nos guiado.

Agradecemos ao nosso orientador, professor Antônio César Nascimento de Brito, pelo exemplo de colaboração em acompanhar-nos nesse trabalho.

Não poderíamos esquecer de agradecer, em especial, aos nossos queridos alunos, pela dedicação e colaboração nesta passagem tão importante de nossas vidas. Beijos.

Minhas estórias da Carochinha, meu melhor
livro de leitura

Capa escura, parda, dura, desenhos preto e
branco.

Eu me identificava com as estórias.

Fui Maria e João perdidos na floresta.

Fui a Bela Adormecida no bosque.

Fui Pele de Burro. Fui companheira de
Pequeno Polegar

E viajei com o gato de Sete Botas. Morei
com os anõezinhos.

Fui a Gata Borracheira que perdeu o
sapatinho de cristal

Na carreira de volta, sempre à espera do
príncipe encantado,

Desencantada de tantos sonhos

Nos reinos da minha cidade.

Cora Coralina

RESUMO

A pesquisa aponta como problema na aplicação da literatura infantil na 1ª Série do Ensino Fundamental das escolas da rede pública do Distrito Federal, o acesso insuficiente e a falta de bibliotecas, bem como o pouco valor cultural destinado à literatura tanto por parte da família como dos professores. A presente pesquisa objetiva proporcionar condições de reflexão sobre a importância da aplicação da literatura infantil na formação do leitor, considerando que esse momento é um dos primeiros contatos formais com os encantos do mundo literário. Sugere-se, a fim de apresentar a literatura como um ato prazeroso e agradável, atividades atrativas que podem ser aplicadas ainda que dentro da realidade das escolas da rede pública do Distrito Federal, usando recursos visuais (aventais, tapetes, dedoches e ilustrações de livros), que instiguem a curiosidade da criança, ao mundo de encantamentos da literatura infantil, trazendo ao conhecimento dos alunos alguns tipos de texto, tais como, fábulas, lendas, conto de fadas, poema e história em quadrinhos sem texto. Após considerações, conclui-se que é muito importante e louvável o cuidado na aplicação da literatura infantil, embora se encontrem diversas dificuldades no acesso aos recursos necessários.

Palavras chave: escola, literatura e prazer.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
2.1. LITERATURA INFANTIL, UM POUCO DE SUA HISTÓRIA.....	09
2.2. LITERATURA INFANTIL E A ESCOLA.....	16
2.3. COMO USAR A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA.....	20
3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	30
4. ORGANIZAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O prazer de mergulhar em um texto deve começar nas séries iniciais, quando o ser humano se apropria da leitura.

Quando as histórias infantis começam a provocar interesse, é o momento mágico para a criação de laços indestrutíveis com os livros. O desejo de ir além, de “dar trela aos sonhos”, de devorar páginas e páginas para conhecer as diabruras e bondades das personagens convém ser estimulado constantemente. Dessa forma, ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

É preciso reconhecer e utilizar a linguagem literária como uma das formas de dar significado ao mundo, ao mesmo tempo em que podemos conhecê-lo de forma fantasiosa e prazerosa.

Devido ao conhecimento da realidade da atuação na carreira do magistério da Secretaria de Educação do Distrito Federal, tem-se a intenção de buscar a reflexão e possível colaboração para um tema de tão relevante importância.

Vivemos profundas mudanças marcadas pela era da informática e da comunicação. Diante disto, a imaginação, a fantasia, os sonhos, ficam distantes do dia-a-dia das crianças e da escola. Imaginar e fantasiar são habilidades para a continuidade dos sonhos. A imaginação hoje é a criatividade do amanhã. E através da literatura infantil torna-se possível resgatar todas essas habilidades que ao longo do tempo vêm sendo esquecidas ou substituídas pelo avanço tecnológico.

Um dos grandes desafios da escola é transformar seus alunos em bons leitores. Isso se consegue com professores que tenham sido contaminados pelo amor aos livros e percebam a leitura não só como um meio para conhecer o mundo e resolver problemas práticos, mas também como uma das formas da felicidade.

Ler e viajar pelo passado, presente e futuro é percorrer todos os recantos da Terra, sem sair do lugar. É poder dialogar e aprender com os homens e com as mulheres mais notáveis que a humanidade já produziu. É descobrir que o mesmo livro, lido em um

momento diferente de nossa vida, se transforma em outro, relevando significados dos quais antes não suspeitávamos.

A criança que desde muito cedo entra em contato com a obra literária escrita para ela, terá uma compreensão muito maior de si e do outro, terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento, terá ainda uma visão melhor do mundo e da realidade que a cerca.

A referida pesquisa tem por objetivo analisar a realidade cotidiana do ambiente escolar e inserir a prática da leitura da literatura infantil para as crianças, a fim de propiciar ao aluno experiências de leituras diversificadas dentro da literatura infantil, buscando constituir suporte cognitivo e ideológico privilegiado para viabilizar o desenvolvimento de capacidades gerais, como captar a informação, aprender modelo de comunicação e dialogar com outras épocas e culturas. Sobretudo, a pesquisa sugere formas criativas para se alcançar tais objetivos, superando a realidade das escolas da rede pública do Distrito Federal que não possuem bibliotecas, nem acervo suficiente, especialmente em literatura infanto-juvenil para atender o nosso alunado. Além de outro fator que pode ser considerado como agravante para a falta de leitura nas séries iniciais é a própria cultura familiar, onde, na maioria das vezes, não atende de forma satisfatória às necessidades “literárias”, dos filhos, priorizando outros itens do material escolar que julgam mais necessários, abolindo ou ignorando o livro infantil e essa realidade estende-se ao convívio no lar onde as crianças não são estimuladas ao hábito da leitura. Aliado a essa questão está o avanço tecnológico que tem promovido transformações influenciando no comportamento social distanciando cada vez mais as crianças da literatura infantil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. LITERATURA INFANTIL, UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

Não se pode falar da importância e da utilização da literatura infantil em sala de aula, sem antes refletirmos sobre sua formação, a respeito do assunto WLEK, WARREN (1981), menciona:

A literatura ocidental constitui uma unidade, um todo. Não se podem pôr em dúvida a continuidade entre literaturas grega e romana, o mundo medieval ocidental e as principais literaturas modernas; e embora sem minimizar a importância das influências orientais, especialmente a da Bíblia, tem de reconhecer uma estreita unidade que compreende a literatura de toda Europa, da Rússia, dos Estados Unidos da América e da América do Sul. (p. 62).

A literatura conhecida hoje como clássica teve sua origem na Novelística Popular Medieval que por sua vez se originou em fontes orientais, mais precisamente na Índia.

Para o homem descobrir a origem da literatura ainda é um mistério, tudo o que se sabe sobre sua origem foi descoberto por meio de documentos escritos em pedras, papiros e pergaminhos. Descobriu-se assim, que a palavra sempre foi vista como algo de poder misterioso que poderia proteger ou ameaçar. Daí os contos e fórmulas mágicas ajudariam o homem a vencer seus inimigos, a força da natureza animais ou outros homens.

A literatura primordial apresenta o caráter fantasioso, que embora não escrita em material concreto, atravessou séculos pela memória dos povos, que se forjou durante séculos antes de Cristo e se perpetuou através da tradição oral.

O fato de a palavra ter resistido durante tanto tempo mostra que a comunicação entre os homens é essencial à sua natureza:

O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significado para todos. (COELHO, 1996, p.174)

Durante a Idade Média, surge no ocidente europeu uma literatura narrativa, que hoje é conhecida como fontes orientais. A transmissão oral divulga essa literatura por toda Europa, colônias americanas, mais tarde essa divulgação é feita pelo registro escrito.

Assim nascia a Literatura Popular e seu registro escrito por via culta, surge a Literatura Infantil, conhecida hoje como “clássica” ou “tradicional”, (Fábulas de Esopo, Fedro, La Fontine, contos de Perrault, Irmãos Grimm).

COELHO (1996) diz, no século X, começam a ser conhecidas as fábulas de Fedro, escravo libertado que viveu em Roma e traduziu as fábulas gregas de Esopo. Logo o

público demonstrou grande interesse pelas histórias de animais, que ficaram conhecidas como ISOPETS. Tinham fundo moral e após foram escritos destinados ao uso nas escolas.

Segundo COELHO (1991), a partir daí a literatura segue dentro do contexto social e cultural que a Europa atravessa. Surge o Renascimento Europeu e um de seus frutos é o homem liberal renascido, o novo conhecimento do homem, constituído pelo pensamento cristão deixado pela antiguidade Greco-romana. Nasce uma Literatura Culta e aristocrática, baseada em pressupostos filosóficos e estéticos.

No Brasil, a literatura infantil surge no final do século XIX. Onde a circulação de livros infantis era precária, representada por edições portuguesas, essa realidade começa a mudar com esporádicas traduções de Carlos Jansen. Apenas a partir dos últimos anos do século passado começam a surgir um esforço sistemático de produção de obras infantis vinculada à sua circulação junto ao público.

De acordo com LAJOLO & ZILBERMAN (1988), o surgimento da literatura infantil no Brasil coincide com a abolição da escravatura, onde nesse momento vários elementos convergem para formar uma imagem de um Brasil em processo de transformação política e cultural. A extinção do trabalho escravo, o crescimento populacional e o aumento da população urbana vêm confirmar tal transformação. Esses fatores contribuíram para a formação de um público consumidor de livros infantis, bem como as várias campanhas de alfabetização lideradas por intelectuais, políticos e educadores.

O país em meio à mudança de regime político, com a adoção da República Federativa em 1889, via-se em condições de sofrer uma grande e importante reforma, havia aí a possibilidade de modernizar o país. Porém, o governo continuou sendo dominado pelos grupos tradicionais do Império e com isso a possibilidade de mudanças foi anulada. Na década de 30 explode uma revolução e representantes insatisfeitos conseguem se instalar no poder.

Este governo acaba auxiliando na modernização necessária, porém privilegia certas áreas e prejudica outras, na região Centro-Sul realiza uma reforma no ensino que dá acesso à população de baixa-renda, mas o mesmo não acontece na região nordeste.

Esse cenário de revolução se reflete no plano cultural, os produtos intelectuais começam a ter mais força.

Surge o rádio e as tecnologias da comunicação começam a se destacar e, principalmente, a literatura passa a ter novos investimentos na área editorial. A cultura

popular e a literatura infantil ambas expandiam-se nos anos 20, graças ao atrelamento aos interesses do estado e às instituições que o serviam.

[...] Carnaval e escola flagram o fenômeno – as escolas primárias no caso da literatura infantil; as de samba, no caso da literatura popular. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988. p.61)

Nos anos 20 carnaval e escola surgem no Rio de Janeiro, controlados pelo governo Vargas. Os desfiles de carnaval são fiscalizados, o que faz com que os sambas enredos tenham caráter histórico e pedagógico.

A literatura infantil passa por algo parecido, as editoras passam a valorizar o gênero, o que faz com que nos anos 20 e 30 este tenha um aumento significativo e o número de escritores da nova geração modernista apareça.

Mesmo com tanta força a literatura infantil continuou sem autonomia, pois o estado continua controlando a produção de livros. Acentua-se então, o capitalismo industrial, que permite a expansão editorial.

O Brasil vive um período difícil no cenário político. Vargas rompe com o Eixo (pacto entre os regimes nazi-fascista da Alemanha, Itália e Japão) e alia-se a Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética.

A ligação com os Estados Unidos, acaba por fixar o capitalismo na economia do país, ao mesmo tempo o personagem Zé Carioca é criado por Walt Disney e passa a ser um representante do país.

A partir dos anos 30, os veículos da cultura de massa se impõem no mercado brasileiro e a produção de história em quadrinhos e do cinema se destaca. A escola e os educadores se negam a aceitar a propagação dos quadrinhos alegando que o mesmo prejudicava a formação do jovem.

Inicia-se o processo de tradução da produção anglo-saxônica foram traduzidas tanto obras mais intelectualizadas como obras massificadas, essas mudanças no mercado editorial representam um marco na consolidação da leitura no mercado nacional.

No período de 1965-1980, o Brasil já dispõem de um grande e diversificado número de títulos. Já se passaram quase cem anos de tentativas de criar uma literatura dedicada à criança brasileira.

O cenário do país não é mais o mesmo, aconteceram várias mudanças. Na década de 60 o país está definitivamente aliado aos países capitalistas, e esse fato acaba criando uma dependência de formulações ideológicas desses países e, como consequência,

determina parte da vida cultural, incluindo a literatura, também na década de 60 surge uma concepção mais moderna de política cultural, investindo-se mais na cultura.

Há necessidade de se formar um público consumidor de livros, pois já existe um setor editorial forte.

O governo Juscelino Fortalece a produção nacional de livros, há redução das taxas para importação do papel e para a renovação do setor gráfico, gerando assim a modernização da indústria e do comércio de livros.

Nos anos 60 acontece a invasão de vários tipos de mídia no meio urbano, a televisão ganha espaço ao mesmo tempo em que isso representa rivalidade, colabora com a literatura, pois representa uma nova alternativa de profissionalização para o produto de textos. Esse período é marcado pela censura e acaba prejudicando a literatura.

A literatura infantil brasileira mais recente incorporou uma função pedagógica, é feita para a escola, as publicações passam a ter seções de aproveitamento escolar como perguntas e glossários.

A literatura patrocinada pela escola atual é, de certo modo, aquela prevista pelos livros infantis contemporâneos: leitura dirigida e orientada, recurso de inculcação de certos valores, comportamentos e atitudes... (LAJOLO & ZILBERMAM, 1988, p.174.)

O mundo da literatura fascina geração após geração, desde que surgiu a companhia de muitos mistérios e segredos, onde já houve tempo em que os livros eram considerados “profanos” aos olhos dos leitores comuns podendo ser destinados somente à nobreza e ao clero. A prática de contar histórias tem raízes antigas e sempre foi uma atividade de grande importância quando se refere à transmissão de conhecimentos e valores humanos.

O escritor francês Charles Perrault, que no século XVII fez o primeiro registro escrito dos contos de fadas acreditava que eles deveriam ser uma espécie de cartilha da boa educação.

A maior parte das obras, que hoje são destinadas ao público infantil, não foi escrita para crianças.

[...] existem também os grandes clássicos infantis que foram concebidos especialmente para essa época da vida. De um modo geral, foram escritos a partir da segunda metade do século XIX, numa época que se estende até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Muitos estudiosos chamam esse tempo de ‘A idade de ouro’ da literatura infantil, porque foi quando esse gênero se destacou com clareza da literatura para adultos. (MACHADO, 2002, p.111.)

A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança foi reconhecida recentemente. Ainda no século passado, predominava a idéia de que a criança era miniatura de homem e portanto, a literatura era considerada um gênero secundário, uma forma de entretenimento.

No final dos anos 60 e início dos anos 70, essa visão começou a mudar, com o aparecimento de uma identidade difusora da leitura, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que recomendava a adoção de literatura nacional no ensino da língua portuguesa na rede escolar, em grande expansão na época.

Em 1968, surgiu no Rio de Janeiro, a entidade preocupada em divulgar o livro para a infância e a juventude, no bojo do projeto desenvolvimentista e de valorização da criança. Essa entidade, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), assumindo um papel de “canalizadora” de diferentes esforços nacionais na área.

A FNLIJ surgiu como representante no Brasil da Comissão Internacional de Livros para os jovens (IBBY), ligada à Unesco e com sede em Zurique. Instituição que pretende através de um “pacto” internacional, incluir no circuito do livro e da leitura, crianças e jovens dos mais diferentes países e condições.

Conjugada à expansão da rede escolar, e impulsionada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de nº. 5.692, a ação de promoção da leitura possibilitou o aparecimento de um mercado fenomenal para os livros de literatura infantil. O estouro de vendas aliada ao novo status ganho pela literatura permitiu a reabilitação do grande pioneiro da nova literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato, José Bento Lobato nascido na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, a 18 de abril de 1882. Passou sua infância em contato com a natureza, na fazenda de seus pais. Aos quinze anos perdeu seus pais e passou a viver com o avô, o Visconde de Tremembé.

Formou-se advogado e começou a escrever livros para adultos. Monteiro Lobato foi um grande patriota, preocupou-se com o desenvolvimento do Brasil. Sempre afirmou que nossa terra possuía muito petróleo. Por isso promoveu uma campanha para a exploração desse importante produto econômico. Em sua homenagem deram o nome de Lobato (Bahia) o lugar onde primeiro jorrou petróleo no Brasil. Antes de Monteiro Lobato havia poucos livros para crianças em nosso meio. Ele foi o nosso maior escritor de livros infantis e chegou mesmo a fundar uma editora para divulgar os livros e combater o analfabetismo. Em quase todos os seus livros para criança aparecem os personagens do famoso Sítio do Picapau Amarelo. Em homenagem ao maior escritor da Literatura Infantil Brasileira, foi

escolhido o dia 18 de abril como o Dia do Livro, data do nascimento de Monteiro Lobato. Lobato foi banido das escolas nos anos 30 pela ditadura de Getúlio Vargas, teve sua célebre frase – “um país se faz com homens e livros” – elevada à condição de verdade indiscutível.

Monteiro Lobato representa um marco da Literatura Infantil, como lembra COELHO (1981), Lobato rompe, pela raiz, com o racionalismo tradicional e abre as portas para a criatividade.

Essa liberação que mareou a literatura infantil foi fruto de longo processo. Lobato estava com 39 anos quando publicou em 1921, “A Menina de Nariz Arrebitado”. Viveu entre 1882 e 1948, pertenceu a estirpe dos humanistas liberais.

Sua vasta produção engloba obras originais, adaptações e traduções. Entre suas obras originais podemos citar: A Menina do Nariz Arrebitado (1921); O Saci (1921); Fábulas e O Marquês de Rabicó (1924); A Cara da Coruja, Aventuras do Príncipe, Noivado de Narizinho e o Circo de Cavalinho (1927); A Pena de Papagaio e o Pó de Pirlimpimpim (1930); As Reinações de Narizinho (1931); Viagem ao Céu (1932); As Caçadas de Pedrinho e Emília no País da Gramática (1933); Geografia da Dona Benta (1935); Memórias de Emília (1936); O Poço do Visconde (1937); O Picapau Amarelo (1939) e A Chave do Tamanho (1942).

A maior originalidade de Lobato era redescobrir realidades estáticas e dar-lhes nova vida, em meio às renações do pessoal que vive no Sítio do Picapau Amarelo.

Tratando-se de adaptações, entre outras estão: os Irmãos de Pinóquio (1927); O Gato Felix (1927); História do mundo Para Crianças (1933); Histórias das Invenções (1935); Dom Quixote Para Crianças (1936); Serões de Dona Benta e Histórias de Tia Nastácia (1937); O Minotauro (1937) e os Doze Trabalhos de Hércules (1944).

Lobato teve como objetivo, nessas adaptações, levar a criança ao conhecimento da tradição e também de questionar as verdades feitas.

Para o público infantil a maior produção de Lobato foi nos anos 30. Entre as obras traduzidas por ele estão: Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll; Mowgli, o menino lobo e Jacala, o Crocodilo de Rudyard Kipling; Os Negreiros da Jamaica de Maine Reid; Caninos Brancos; o Lobo e o Mar; A Filha da Neve e o Grito da Selva de Jack London; O Homem Invisível, de H. G. Wells; As Aventuras de Huck e Mark Twain; Pollyana e Pollyana Moça de Eleonor H. Pontes; Contos de Fadas de Perrault; Tarzã, o Terrível Tarzã no Centro da Terra de Edgar Rice Burroughs.

Monteiro Lobato consegue, depois de um certo período de amadurecimento, unir o real com o maravilhoso que até a primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado* eram tópicos totalmente delimitados.

A obra de Lobato foi muito bem aceita durante certo período, porém o autor passa a lançar uma versão crítica do mundo e mais lúcida aos problemas de sua época e, por isso passa a sofrer perseguições que se iniciam na sua própria cidade, Taubaté. Em 1934 surge uma campanha contra Monteiro Lobato liderada por colégios religiosos.

O Brasil estava iniciando a era Vargas e Lobato foi intitulado como comunista.

Ao longo da história da literatura infantil, muitos caminhos foram trilhados, muitas iniciativas foram tomadas no sentido de alterar o quadro cultural brasileiro, para melhorar o desempenho do professor, formar um público leitor desde a mais tenra idade e fornecer um material interessante de leitura. No entanto, ainda não há uma política de incentivo a uso da literatura infantil e as escolas continuam desprovidas de bibliotecas.

Felizmente vivemos em uma época de fascínio e privilégio onde a Literatura pode ser abrigada por qualquer interessado que esteja receptivo a ela. Somos privilegiados e presenteados por belos clássicos cheios de imaginação que nos leva a acreditar que temos a idade conveniente e fazemos viagens por lugares memoráveis. E se esse fascínio atinge até mesmo os adultos com personalidades já formadas, imaginem como os livros atingem às crianças principalmente no início de sua vida de leitor. Diante de tal realidade, pais e professores ficam incumbidos e responsáveis de inserir a criança o quanto antes no mundo literário. MACHADO (2002) destaca a respeito desse assunto, o seguinte:

[...] o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. [...] a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, a gente faz a festa é com uma boa história bem contada. (p.12-13.)

A literatura deve ser apresentada a uma criança como algo que proporciona prazer e nunca como obrigação, como lembra a autora:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada em quantidades que saciem a fome. (ibidem p.15)

2.2. LITERATURA INFANTIL E A ESCOLA

Nas séries iniciais a formação do leitor está relacionada à alfabetização, a fim de formar o aluno para a leitura. Para tanto, é preciso que, na escola, apareçam textos publicados: literatura infanto-juvenil, revistas, jornais, poemas infantis, informes publicitários, bilhetes, entre outros. Ao lado da leitura propriamente dita, há ainda, o ouvir produções escritas dos alunos, histórias contadas pelo professor ou mesmo declamações de poemas. A partir dos dois anos de idade, a intermediação do adulto é importante, para estimular o gosto pela leitura e para a criança adquirir motivação para ler. Essa mediação não deve se esgotar nas primeiras séries, pois, não sendo a criança suficientemente estimulada, ela corre o risco de ficar pouco motivada para a leitura.

Portanto, devemos resgatar ou semear o gosto pela leitura trabalhando de forma prazerosa e criativa. Cabe ao professor antes de tudo, estar envolvido com a literatura demonstrando claramente ao aluno o prazer de ler.

Resgatar o hábito da leitura, além de exercer a arte da memória, é também agir em prol da formação leitora. Bons ouvintes conseguem muito mais que dominar a escrita e a leitura alfabética formal. Crianças que são educadas ouvindo boas histórias tornam-se leitores e contadores de histórias competentes, expressam-se por meio de discurso oral e escrito com propriedade e aproveitam toda a riqueza da nossa língua.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: característica do gênero, do portador, do sistema de escrita e muito mais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática da leitura. (PCN, Língua Portuguesa: 1997, p. 53).

Quando a criança conhece o valor sonoro de todas as letras, ainda assim não é capaz de ler. É necessário que já tenha descoberto no início do processo que os textos têm significado. A leitura, portanto, não se baseia na habilidade de unir sons das letras ou sílabas, e sim na construção de conhecimento.

E nada mais prazeroso do que na construção desse conhecimento contar com o mundo mágico das histórias infantis, que vêm trazendo emoções importantes que a criança

pode sentir como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, como lembra ABRAMOVICH (1989, p. 16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo...

A criança e a obra literária não podem ser dois extremos, do que adianta o livro na estante da biblioteca se a criança não o explora; se não ouve, se não lê, se não interage com a obra, fica impossível a abertura para o mundo da fantasia e do descobrimento.

Vejamos o que pensa OLIVEIRA (1996, p. 16):

É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que se forma o leitor; que é na exploração simbólica da fantasia e da imaginação que desabrocha o ato criador e se intensifica a relação entre o texto e o leitor. (...) A interação participativa do aluno com a obra literária reside a riqueza aos aspectos formativos nela apresentados de maneira lúdica, fantástica e simbólica. A partir dessa interação, o aluno é levado a ter maior compreensão do texto e uma compreensão mais abrangente do contexto, preparando-o para situações da vida.

A Literatura Infantil é um riquíssimo recurso de aprendizagem, de prazer, de conhecimento não só o formal fechado em conteúdos, mas o conhecimento da vida, do mundo.

Ao falar-se da criança leitora, torna-se algo mais complexo, pois a criança requer algo mais que simplesmente tomar um livro nas mãos e lê-lo. É necessário invadir o universo infantil, explorar a imaginação, a surpresa, o medo, os desejos, a fantasia, o pensamento mágico, como portas que vão se abrindo e mostrando novos horizontes e despertando o prazer.

Estabelecer vínculo com a literatura infantil é tão importante quanto ensinar a criança a escrever e realizar cálculos. Faz-se necessário propor um trabalho que priorize o ato de ler e que leve a criança a adentrar no mundo encantador das histórias infantis.

A importância de se contar histórias para as crianças é enorme. Desde pequenas, e ainda sem saberem ler, as crianças solicitam aos adultos a leitura de livros de histórias e, ao pedirem que a recontem várias vezes, elas têm a oportunidade de desejar lê-la, antecipando o futuro hábito da leitura. Com isso, a criança vibra, se emociona com os acontecimentos e

os personagens e procuram em suas brincadeiras, viver os personagens, expressam também o que sentem, o que criam e o que inventam.

No ambiente escolar, cabe ao professor criar um clima favorável à leitura, despertando a curiosidade das crianças em relação ao gênero literário. Dessa forma faz-se valer o reconhecimento da literatura infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis.

Segundo COELHO (1981), na fase do leitor iniciante, as histórias podem ser a fusão de dois mundos, o da fantasia e o do real, enfatizando especialmente o fenômeno do pensar, do sentir e do querer em sua necessária complementaridade.

Devemos lembrar, porém, que a história é lazer, é divertimento, mas é também oportunidade para a criança desenvolver-se no sentido ético, estético e de formação.

É através das histórias da literatura infantil que a criança projeta o seu próprio mundo e, ao representá-las, ela encontra maneiras de expressar o que sente, o que cria e o que inventa.

Quanto à questão da formação do leitor, longe de ser específica a determinadas séries, é comum a toda instituição escolar.

Com efeito, os projetos institucionais permitem instalar na escola, e não apenas na sala de aula, um “clima leitor” que deve ser estendido aos lares, porque vai conseguindo envolver de forma imperceptível não só às crianças como também à família, pois cabe ao professor, à escola e à família estimular nas crianças, o gosto pela leitura.

A escola conta com a literatura infantil para espalhar sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete indicar em sua clientela. De Bilac para os nossos dias mudaram bastante os conteúdos educativos pelos quais a escola se responsabiliza. Mudaram também atitudes, comportamentos, sentimentos e valores veiculados pela literatura, mantendo-se, todavia, inalterada a relação de dependência entre literatura infantil e escola.

[...] Tais são as premissas que precisam delimitar projetos que objetivem efetiva democratização e qualificação das práticas – sobretudo escolares- de leitura no Brasil. Os projetos precisam abrir-se com a crítica da inevitável participação nos rituais de apropriação da literatura infantil pela escola e vice-versa: que os professores lutem por uma formação competente, regular e supletiva, que os liberte da tutela de cursos efêmeros e do paternalismo autoritário de receitas de leituras apostas a livros; que os autores se mobilizem no sentido de fazerem frente à escolarização de seus textos; e que os demais envolvidos- nós todos- discutamos nos circuitos, bastidores e arrebaldes da literatura infantil o caráter histórico da organização institucional dos livros infantis, refinando categorias para a compreensão dessa historicidade que também nos envolve, cumprindo, assim, de

forma mais crítica, o papel que nos cabe, e que ninguém cumprirá por nós. (LAJOLO, 2004, p. 64).

Entre as atividades hoje mais freqüentemente sugeridas para despertar e desenvolver o gosto pela leitura, encontram-se a transformação do texto narrativo em roteiro teatral e subsequente encenação; a reprodução, em cartazes ou desenhos, do tema, da história ou de personagens do livro; a criação, a partir de sucata, de objetos ou colagens de alguma forma relacionados à história; as pesquisas que aprofundam algum tópico que o texto aborda; o prosseguimento da história, sua reescritura com alteração do ponto de vista; entrevista com autor ou personagens do livro; jogral ou coro falado quando se trata de poemas; e tantas outras, familiares a quem tem intimidade com a literatura infantil.

2.3. COMO USAR A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA

A leitura não é uma prática comum, em especial a Literatura Infantil, mas essa falta de leitura não se restringe aos nossos alunos, nós professores também não possuímos esse hábito. Surge aí a necessidade da formação continuada do professor e de um olhar atento para essa questão. Muitos professores dispõem de uma rica biblioteca, mas não sabem como utilizá-la em sua sala de aula.

A respeito desse assunto, vejamos o que pensa OLIVEIRA:

Uma obra literária é aquela que aponta a realidade com uma roupagem nova e criativa, deixando um espaço para o leitor entrar na sua trama e descobrir o que está nas entrelinhas do texto [...]. Para avaliar uma obra literária infantil é preciso verificar se ela contém o fantástico, o mágico, o maravilhoso, o poético. (1996. p. 22).

Ao elaborar atividades relacionadas à Literatura Infantil o professor deve criar contextos significativos que possam desencadear associações de idéias e, assim, estimular a curiosidade natural da criança, como por exemplo, trabalhar a contação de histórias, poemas e dramatizações, bem como viabilizar o acesso a vários tipos de texto.

Para refletirmos sobre as motivações da contação de história, observemos o que pensa LAJOLO:

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura. Nesse sentido, exige discutir, por exemplo, o conceito de motivação, porque é em nome dela que a obra literária pode ser completamente desfigurada na prática escolar. Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares, atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato da leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede. (2004. p. 15).

Para contar a história, o professor poderá levar as crianças para um ambiente fora da sala de aula, como o pátio da escola, ao ar livre ou à biblioteca ou sala de leitura, não esquecendo, porém, de citar o nome do autor, mostrar a capa do livro e compartilhar as ilustrações com os alunos a fim de envolvê-los no enredo da história.

Após a leitura, o aluno deverá ser estimulado a expor ao grupo quais acontecimentos ou partes da história que mais gostaram, que mais lhes chamaram a atenção. As crianças também poderão explorar a história que acabaram de ouvir fazendo desenhos, dramatizações, confecção de personagens, interpretação oral e o relato.

Ao término de uma história, o professor deve escolher, juntamente com as crianças, o próximo livro a ser lido.

Em relação à escolha do livro, deve-se estar atento aos seguintes pontos:

- O título do livro pode ser relacionado ao tema de algum projeto que esteja sendo desenvolvido na escola;
- Escolher um livro que a maioria dos alunos não conheça, pois, sendo uma novidade, estará criando um clima de suspense;
- É interessante interromper a leitura durante o conflito de algum personagem, uma situação inesperada ou uma dúvida;
- Aproveitar as interrupções para questionar as crianças: - o que acontecerá agora? Cada aluno dará a sua opinião. Depois comparar com a história.

É importante que, não só os professores em sua sala de aula, como também toda a comunidade escolar, estejam inseridos no contexto literário.

A escola pode desenvolver atividades como: projetos e campanhas, autor presente, hora do conto, manhã ou tarde de autógrafos, banca de troca de livros e feira do livro.

Projetos e campanhas: o professor poderá desenvolver atividades como projetos, juntamente com seus alunos em sua classe ou mesmo fazendo um intercâmbio envolvendo toda a escola.

Autor presente: autores de obras que foram lidas ou trabalhadas pelas crianças vêm ao encontro dos pequenos leitores, pra um debate, entrevista ou conversa sobre os livros lidos.

Hora do conto: são histórias lidas e depois contadas pelos alunos através de dramatizações com máscaras, fantoches, aventais, dedoches, tapetes ou outros materiais visuais.

Hora (manhã ou tarde) de autógrafos: para o lançamento de alguma obra de um autor ou, mesmo, livros escritos e confeccionados pelas crianças.

Banca de troca de livros: esta atividade pode ser feita na sala de aula ou mesmo no pátio da escola, onde os leitores entram em contato com diferentes tipos de literatura,

discutem as obras e fazem a troca. Tem o objetivo de incentivar a circulação de livros entre alunos, principalmente na nossa realidade da escola pública onde o acervo é escasso.

Feira do livro: organizar estandes para a exposição de livros confeccionados pelos alunos e também venda de livros de editoras conhecidas.

Especialmente, na 1ª série do Ensino Fundamental, o professor poderá propiciar ao aluno, visitas à biblioteca ou sala de leitura para apreciar exposições de livros especiais, localização da biblioteca na escola através de visitas de alunos conduzidos pelo professor da classe, orientação do manuseio correto dos livros como passar as páginas, como segurar o livro e ter os demais cuidados que se deve ter ao estar em contato com um livro.

O processo de leitura é dinâmico. As aulas de leitura devem ocupar um espaço prazeroso, nesse sentido, lembramos que é importantíssimo o papel do professor, não só como mediador entre o aluno e o livro, mas como um leitor competente, um leitor que gosta de ler e que sabe da importância da leitura. Aqui, reportaremos aos Parâmetros Curriculares Nacionais quando enfatizam a formação de leitores e a prática de leitura, que não deve se restringir apenas aos recursos materiais disponíveis, mas ao uso que se faz dos livros e demais materiais impressos.

Dentre as várias sugestões encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura, julgamos importante destacar: a escola deve dispor de uma boa biblioteca; dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também.

Nesse trabalho, optou-se por trabalhar alguns gêneros literários acompanhados de algumas ferramentas, com o intuito de incentivar e despertar o interesse dos alunos pelos livros, uma vez que na 1ª série do Ensino Fundamental, eles estão sendo apresentados verdadeiramente aos livros e necessitam de um pano de fundo como atrativo e incentivo.

O primeiro gênero é o conto de fadas com a contação da clássica história de Chapeuzinho Vermelho. O conto de fadas, enquanto narrativa destinada ao público infantil, surgiu na Europa durante a Idade Moderna e têm por fonte a tradição oral, provavelmente

as narrativas primordiais que ficaram registradas na memória dos povos e transmitidas através dos tempos. Muitos contos revelam afinidade com os ritos iniciáticos dos povos primitivos, em que o iniciado, para alcançar outra etapa da vida, submete-se a inúmeras provas cuja superação comprova o seu amadurecimento. Por outro lado, a origem popular dos contos fica visível pelo fato de que os heróis das narrativas encontram-se em situação de inferioridade no meio em que vivem e somente com o auxílio de elementos mágicos conseguem superar essa condição.

A passagem da oralidade ao texto escrito para crianças é assinalada, no conto de fadas, pela inclusão da moralidade. A noção de família nuclear, que surge com a ascensão da burguesia no século XVIII, passa a valorizar a infância, enquanto etapa que merece a atenção dos educadores por ser uma fase existencial propícia à aquisição de hábitos e formação moral do futuro adulto. A literatura infantil, associada à escola, colabora nessa tarefa, fato que justifica o caráter pedagógico de que se reveste.

Os contos continuam encantando gerações e provocando a imaginação e criatividade dos pequenos leitores.

Prosseguindo com a tentativa de contribuir com o despertar do interesse pelo mundo literário, optamos por apresentar um poema do escritor José Paulo Paes, “Dicionário”, onde é mostrado um novo ponto de vista sobre um livro tão apreciado e tão necessário como o dicionário.

A poesia foi a primeira forma de expressão literária dos povos. As cantigas de roda, as recreações de linguagem rimada, as tradicionais quadrinhas populares encantam todas as crianças através dos tempos e gerações.

O ritmo, a harmonia e a musicalidade próprio da poesia auxiliam a memória e educam o sentido auditivo, tornando-se um meio eficaz de variar os tipos de leitura.

A poesia infantil deve apresentar certos requisitos, tais como: ritmo, simplicidade, clareza e pequena extensão, gênero narrativo, ação, linguagem expressiva e viva. Como recursos didáticos, a principal finalidade da poesia deve ser a de despertar na criança a emoção poética, e este é o grande desafio do professor, levar os alunos desenvolverem atitudes positivas em relação à poesia. Isto torna-se possível, quando o educador demonstra à sua turma o seu gosto pela poesia, deixando transparecer o sentimento que ele próprio experimenta ao ler uma poesia.

A poesia deve ser mostrada de forma emocionante, levando a criança a captar o sentimento do autor, a perceber a beleza do ritmo e a harmonia dos versos, despertando a sua emoção. Assim como as histórias, as poesias devem ser selecionadas para atender à evolução do interesse infantil. As crianças menores gostam de ver, ouvir, sentir, provar, cheirar, através do estímulo das palavras. As primeiras poesias, devem tratar então, de coisas atingidas pelos sentidos infantis, coisas da vida da criança, do seu mundo, do seu interesse. A poesia para criança, tem que ter qualidade, lida, falada, ouvida, deve ser sempre uma fonte de encantamento para a criança. Deleitar, despertar o amor à beleza, desenvolver o gosto estético, despertar a emoção, desenvolver o pensamento e a linguagem. José Paulo Paes, define muito bem poesia:

[...] é como uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo... Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver não é poesia: é papo furado[...] (In. ABRAMOVICH, 2004, p.67).

A fábula é o próximo gênero a ser utilizado, por tratar-se de uma narrativa com fundo didático, que tem como objetivo transmitir uma lição moral. Normalmente a fábula trabalha com animais como personagens e é uma das mais antigas narrativas. O primeiro grande nome da fábula foi Esopo, um escravo grego que teria vivido no século VI a. C. Modernamente, muitas das fábulas de Esopo ganharam uma nova roupagem nas palavras de La Fontaine que recriou os temas tradicionais da fábula. No Brasil, Monteiro Lobato realizou algo parecido, acrescentando às fábulas tradicionais, curiosos e certos comentários dos personagens que viviam no Sítio do Pica-pau Amarelo. Utilizaremos a fábula Maria vai com as outras, de Sylvia Orthof.

Utilizamos também a lenda como uma contribuição do rico folclore brasileiro, onde sugerimos de Tatiana Belinky, Os Dez Sacizinhos.

Considerando a idéia de FELIPE & MANZO (2000), o folclore é sempre popular, nasce do povo. Mesmo que sua origem seja erudita, ele é assimilado e “reconstruído” pelo saber popular. Isso acontece, com muita frequência, na música e na poesia, quando a obra de um determinado autor, ao chegar ao povo, vai sendo “revestida” pela criação popular, ao longo dos tempos. Finalmente, folclore é espontâneo, nascido da vontade livre do povo de manifestar através de todos os canais de sua criatividade, podemos então definir o folclore como um grande aliado pedagógico no estudo das diferentes manifestações do

povo que vem construir a identidade cultural de nosso país. É muito importante colocar as crianças em contato com as nossas tradições. Os mitos, lendas e contos fazem parte dessas manifestações populares que têm sido transmitidos de geração para geração e nos dias de hoje estimulam o imaginário de adultos e crianças.

Para tanto, sugere-se trabalhar as lendas, narrativas tradicionais de acontecimentos do passado que foram deformados pela imaginação popular, possuindo frequentemente componentes fantásticos ou religiosos. Possuem também elementos místicos, como a sua capacidade de oferecer explicações para a realidade e sua qualidade de transmitir os valores morais da sociedade. Geralmente são divulgadas oralmente e muitas pessoas consideram que sua origem pode estar ligada a fatos verídicos ocorridos no passado, os quais sofreram transformações na medida em que foram sendo transmitidas. De qualquer forma podemos afirmar que a riqueza e variedade das lendas brasileiras retratam a influência dos diversos povos que compõe a nossa cultura e sociedade.

Como sugestão, trabalharemos também com o texto de imagem em quadrinhos, O Pirulito, de Eva Furnari.

Antes mesmo de aprender a falar, o homem primitivo das cavernas desenhou. Registrou nas paredes das cavernas a sua realidade, seus anseios, seus sonhos, sua história. A possibilidade de dizer coisas, contar histórias somente através de imagens, é algo comprovado pelas obras de arte, pelo cinema mudo e pelo falado também, pelos livros sem textos e pelas histórias em quadrinhos, pela publicidade e pelas inúmeras formas de linguagem visual existente e que vão sendo criadas através dos tempos. É importante possibilitar à criança o convívio com as histórias sem texto. Rui de Oliveira, ilustrador em seus registros preparados para a mostra de A Bela e a Fera, destaca a importância da imagem sobre a relação palavra e ilustração:

Infelizmente, priorizamos para as crianças o aprendizado da leitura das palavras como atestado de alfabetização. Seria mais conveniente que nas escolas de 1º grau a iniciação à leitura das imagens procedesse a alfabetização convencional. (1994).

Através da leitura das histórias com imagens, desperta-se na criança a sua criatividade, a fantasia, o faz de conta, o lúdico tão necessário à sua formação como leitor. ABRAMOVICH, diz o seguinte sobre a importância das histórias sem texto:

Esses livros (feitos para as crianças pequenas, mas que podem encantar os de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo. (2004, p.33)

Deve-se estar atento para não cometermos o erro de usarmos os textos literários meramente para passarmos informações sobre hábitos, atitudes, bom comportamento e regras gramaticais. Expondo esses pontos de maneira descontextualizados o texto literário em nada contribui para a formação de leitores que possam perceber a riqueza das construções literárias.

As histórias usadas com as crianças que não sabem ler aproximam-nas da construção de textos, além de agir como importante instrumento que ajudará na formação de sua personalidade.

Contar histórias é um ato de amor, que propicia um momento de intimidade entre o adulto e a criança e por isso pode ajudar no relacionamento professor-aluno. Elas são eficientes para ensinar justamente porque encantam as crianças. Não é impressionante como elas nunca se cansam de ouvir a mesma história muitas e muitas vezes? Isso se explica se considerarmos como matéria-prima da literatura infantil a emoção. Ao ouvir histórias a criança manifesta emoções como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade entre outras.

Daí surge a preocupação com a aplicação da literatura infantil. Pois esta deve ser apresentada à criança como algo que proporciona prazer e nunca como obrigação, como mostra MACHADO:

[...] obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura.[...] Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. (2002, p.14 – 15).

Devemos ter um especial cuidado ao contar uma história para uma criança, seja através do livro, seja um conto, é necessário que tenhamos sutileza e espontaneidade para transmitirmos credibilidade aos ouvintes, despertando nelas curiosidade e prazer para ter vontade de ler um livro.

É por isso que devemos entusiasmar e dedicar ao despertar da criança pela leitura e nada melhor para esse incentivo do que o seu testemunho e a sua prática de leitor como exemplos. Fica mais fácil para uma criança desenvolver hábitos de leitura vendo e ouvindo os adultos, uma vez que esses de forma direta influenciam, na postura dos menores.

É através das histórias da literatura infantil que as crianças projetam o seu próprio mundo e, ao representá-lo, ela encontra maneiras de expressar o que sente, o que cria e o que inventa.

Embora se divida a tarefa de educar com outros núcleos sociais, como a família, as comunidades e os meios de comunicação, a escola ainda é o principal foco de organização, sistematização e construção de conhecimento, e o educador e educando, são os principais agentes nesse processo. O professor carrega consigo a responsabilidade social de educar-formando e informando, da melhor forma possível - as crianças e os jovens que ele tem pela frente a cada início de ano letivo. A escola não tem razão de ser em si mesma. Ela é fruto do meio, assim como o meio é consequência dela.

Na escola de hoje, ensinar e aprender são funções tanto do aluno quanto do educador. Partindo desse princípio, quanto mais prazerosa for a troca realizada entre os dois, mais rápido e eficiente será o desenvolvimento do processo cognitivo.

De acordo com CASASSANTA (1989), a literatura infantil, com suas propriedades formativas, constitui os primeiros passos para esse intercâmbio. Enquanto produto cultural, ela interfere na formação moral, social e literária, provocando nele novas formas de conhecimento e a reelaboração de sua concepção de mundo.

Na perspectiva da literatura prazer, a literatura infantil possibilita o aprendizado da linguagem oral e escrita, das tradições de um povo de forma lúdica.

As dinâmicas da leitura devem ocupar um espaço agradável em sala de aula. Nesse sentido, de grande importância o papel do professor, não só como mediador entre o aluno e o texto, mas como leitor que gosta de ler e está ciente da importância da leitura. O aluno deverá ser estimulado a agir como um leitor competente dentro e principalmente fora do espaço escolar. Ao educador cabe viabilizar esse processo através de sua prática pedagógica.

A literatura transmite-se pela leitura e a sua primeira finalidade é a de conduzir a criança ao mundo letrado, na arte de ler e compreender bem, aproveitando-se da aprendizagem da boa pronúncia, da articulação. Para melhor aproveitamento didático, as histórias destinadas a crianças de até sete anos devem ser contadas e ilustradas com cartazes, desenhos, dramatizações, e outros materiais atraentes e criativos.

De modo geral, as finalidades didáticas da literatura infantil são: ler e entender o que se lê; orientar e disciplinar a atenção; fixar conhecimentos já adquiridos e construir novos; globalizar os ensinamentos; ampliar os conhecimentos históricos, geográficos e

humanos; enriquecer o vocabulário e dar maior conhecimento da língua, facilitando os meios de expressão falada e escrita; propiciar cultura, colocando o educando em contato com outras culturas; finalmente, educar, divertir, despertando valores estéticos e morais, de modo orientado e dirigido.

A escola não impõe a utilização da literatura pelo professor, no entanto o espaço da sala de aula deve ser um ambiente de investigação, de respeito, de criação, de comunicação e criatividade, onde os agentes do processo possam expressar suas formas de pensar, suas dúvidas, suas descobertas, construindo vínculos entre si.

A literatura infantil tem despertado um interesse cada dia mais crescente, entre aqueles que se preocupam com uma educação de qualidade, que consideram o saber da criança, propiciando a sua reelaboração. E esse avanço acontece através de uma prática pedagógica renovada onde o aluno aprende construindo o seu conhecimento e a escola promove o processo de construção considerando as condições concretas em que este ocorre.

Porém, questiona ALMEIDA (1999) se estaria o professor brasileiro educando objetivamente os seus alunos para o domínio das diferentes práticas da leitura? Uma resposta é bastante polêmica à medida que muitas pesquisas e reflexões sobre a leitura escolarizada apontam, para necessidades não preenchidas e, principalmente, para um professor que ainda rotiniza, improvisa e/ou copia procedimentos de ensino.

É certo que existem deficiências encravadas - e reproduzidas historicamente- no espaço escolar. Ausência de bibliotecas e bibliotecários, falta de abastecimento regular de livros, inexistência de salas apropriadas para a prática de leitura com diferentes propósitos, entre outros. São necessidades mais do que evidenciadas no âmbito das escolas públicas deste país. Ainda existe um longo caminho a ser trilhado até que se chegue às condições ideais nesta área tão devastada.

Mas, além das condições de infra-estrutura, tem-se observado que existem dois condicionantes que prejudicam mais intensamente a formação dos leitores pela escola: a concepção de leitura e a liberdade para interpretar.

Na concepção de leitura, a imagem do processo de leitura fundamenta, orienta e conduz os passos executados pelo docente ao promover, dinamizar e avaliar a leitura em sala de aula e/ou fora dela. Se essa imagem for redutora e simplista, certamente a educação dos leitores vai ser conduzida de maneira precária.

Em relação à liberdade para interpretar, as rotinas docentes e todo o sistema de dependências que agem sobre o professor acabam por instituir encaminhamentos estreitos no momento da dinamização da leitura na escola. O uso exclusivo do livro didático, por exemplo, acaba por gerar uma barreira ao longo do processo de formação de leitores.

Dar liberdade aos leitores significa ouvir, ou melhor, escutar e aproveitar pedagogicamente os sentidos produzidos através da leitura dos textos propostos remetendo sempre esses sentidos para a esfera da compreensão cada vez mais refinada e profunda da realidade.

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

As atividades foram realizadas na Escola Classe 425 de Samambaia Norte, que atende uma clientela de Educação Infantil – II e III Período e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries, funcionando nos turnos matutino e vespertino. O público alvo dessa pesquisa, foi a 1ª série “E” do turno vespertino, composta por 35 alunos com a faixa etária entre 06 e 11 anos. Trata-se de uma turma agitada, mas com desprendimento para realização das atividades propostas.

A professora organizou os alunos sentados no chão da sala em forma de círculo e apresentou a primeira das três versões do conto de fadas, Chapeuzinho Vermelho, (APÊNDICE 1). Em seguida compartilhou o primeiro livro do conto de autoria de Irmãos Grimm, explorando o texto e as gravuras da obra.

A segunda versão de Pedro Bandeira, foi apresentada à turma na aula seguinte da mesma maneira como foi trabalhada a primeira versão. Neste mesmo dia as crianças foram incentivadas a criarem uma terceira versão que foi valorizada, sendo contada com o auxílio do recurso visual, o avental cenário, (ANEXO 1).

Na aula seguinte em que se continuou a aplicação do projeto, foi explorado o poema “O Dicionário”, retirado da obra, Poemas Para Brincar de José Paulo Paes, (APÊNDICE 2). Com os alunos dispostos em círculo a professora apresentou o dicionário Aurélio, em uma breve conversa informal, citou a importância e os cuidados necessários com a obra, em seguida compartilhou com a turma a poesia mencionada. As crianças foram levadas a criarem um dicionário criativo para a turma (ANEXO 2).

A terceira atividade selecionada, foi a fábula “Maria Vai Com as Outras” (APÊNDICE 3). Os alunos foram levados para o pátio da escola, organizando-se em semi-círculo.

No primeiro momento a professora apresentou a obra literária Maria Vai Com as Outras, citou o nome da autora e ilustradora que são a mesma pessoa e da editora.

Logo após a regente iniciou o conto da história, usando como recurso visual o tapete cenário (ANEXO 3).

Em uma roda de história a professora sondou o conhecimento prévio da turma sobre as lendas. Logo após anunciou o conto da história, apresentou o livro “Os Dez Saczinhos” de Tatiana Belinky, e pediu ajuda a dois alunos para manipularem os dedoches (APÊNDICE 4).

Após o conto da história as crianças foram incentivadas a recontarem o texto (ANEXO 4).

A última proposta de trabalho foi inspirada na história sem texto escrito, O Pirulito de Eva Furnari (APÊNDICE 5). Os alunos receberam individualmente a história (ANEXO 5), em seguida realizaram a exploração das imagens com a mediação da professora.

Finalizando, cada aluno produziu seu texto (APÊNDICE 6).

4. ORGANIZAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISES DE DADOS

A fim de produzir uma nova versão de um clássico já conhecido pelo mundo infantil, foi compartilhado duas versões distintas de Chapeuzinho Vermelho em dois dias consecutivos com o intuito de elaborar-se uma terceira versão. A 1ª série mostrou-se receptiva à diversidade dos textos. No decorrer da atividade, as crianças emitiram suas opiniões sobre o comportamento da personagem principal; associaram o lobo aos perigos reais do seu cotidiano como: ladrões, estupradores e pessoas desconhecidas.

No momento de criação da terceira versão, a regente pôde perceber o entusiasmo das crianças diante da possibilidade de atuarem como autores de uma outra narrativa.

Ao visualizarem o avental cenário e os personagens da história, os alunos ficaram encantados com a beleza e a fantasia da Literatura Infantil, quando essa é apresentada de maneira criativa.

Antes de iniciar a atividade baseada no poema O Dicionário, de José Paulo Paes, a professora apresentou à turma o dicionário Aurélio, falou sobre sua importância e os cuidados ao manuseá-lo. Nesse momento, as crianças sentiram-se valorizadas, pois estariam utilizando o dicionário como os alunos das séries seguintes.

Ao dispor os alunos em círculo, propôs-se um trabalho dinâmico e criativo, onde os alunos demonstraram entusiasmo e desenvoltura ao expor suas idéias e opiniões.

Trabalhar o referido poema, permitiu a professora identificar o progresso das crianças em desenvolver suas habilidades criadoras, despertando assim o interesse pelo uso do dicionário como fonte de pesquisa.

As crianças ficaram encantadas e entusiasmadas com a fábula Maria-vai-com-as-outras, de Sylvia Orthof. Demonstraram interesse e curiosidade pelo texto e pelo cenário. Ao final da história, realizaram a interpretação oral e emitiram suas opiniões sobre o comportamento de Maria e associaram com fatos do cotidiano e deixaram claro que “Maria era boba de sempre seguir as outras, mas ainda bem que ficou esperta no final”.

Na tarde escolhida para o desenvolvimento do trabalho enfocando a obra Os dez sacizinhos, de Tatiana Belinky, a turma estava agitada e a história veio a contribuir para a promoção de um momento de relaxamento. Durante o período em que ouviram a lenda ficaram quietos e atentos, demonstrando gostar bastante da maneira como os sacis desapareciam.

O momento do reconto foi muito enriquecedor, com a participação e criação de outro texto.

Na atividade proposta referente à leitura de imagens, os alunos demonstraram interesse e motivação.

As crianças enumeraram as cenas, criaram um nome para a bruxa e outro para o gato, levantaram hipóteses sobre o feitiço: “será que era isso mesmo que ela queria?”

As dificuldades encontradas foram constatadas no momento em que a regente solicitou o registro dos fatos da história. Alguns alunos, por não dominarem a escrita convencional, mostraram-se desmotivados.

Por serem alunos em início de alfabetização que estão em processo de construção da escrita, a professora procurou valorizar todas as formas de produção realizada pelas crianças, buscando motivá-las através do resgate da auto-estima, mostrando-lhes que eram capazes de executar a atividade proposta com êxito.

Ao desenvolver essas atividades, partimos do princípio de que a aprendizagem é fruto de uma construção pessoal, possuindo um caráter ativo, no qual intervém o sujeito que aprende e os outros que estão à sua volta.

As atividades foram encaminhadas de forma a dar oportunidade ao aluno de socializar e expor suas idéias aos demais integrantes da classe, favorecendo dessa forma, o exercício pleno e democrático. O respeito ao outro e o amor ao próximo, são fatores essenciais no processo de cidadania.

Quando uma aprendizagem ocorre sem estabelecer associação alguma com os conceitos relevantes já existentes, as novas informações armazenadas de forma passiva são facilmente esquecidas e caracterizam a aprendizagem mecânica.

Ao estabelecer uma ligação entre o aluno e o mundo dos contos, das poesias, das fábulas e lendas, abriu-se um leque de trabalho prazeroso e diversificado.

Com isso, os alunos demonstraram grande interesse em ouvir e discutir os temas apresentados executando as atividades propostas com dedicação, procurando sempre fazer o melhor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas para a elaboração desta monografia permitiram enriquecer o conhecimento sobre a Literatura Infantil, aprimorar nossa prática, além de despertar o interesse pelo tema bem como sua aplicabilidade.

Vale ressaltar que a incumbência do sucesso ou de uma boa prática educacional não está vinculada somente ao dever do Estado, a contribuição do professor como mediador e também como colaborador para com a sociedade é de fundamental significado.

Ainda é distante o caminho entre o que está registrado oficialmente na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Base da Educação, no Plano Nacional de Educação e a realidade da educação brasileira. Cabe, ao professor, como representante direto da prática educativa, respeitar a prática fadada ao fracasso e buscar possibilidade e tentativas de êxito, nessa área onde muito se fala a respeito, mas pouco se destina efetivamente ao seu melhoramento.

A realidade educacional é muito complexa, não cabendo abordagens isoladas. É necessário pensar de forma abrangente, levando em consideração os aspectos que envolvem cada escola, que são, na verdade, um mundo à parte onde estão inseridos vários outros mundos. A atitude que se deve tomar tem que abordar uma comunidade específica, com seus limites e contribuições de forma singular.

O compromisso do professor está vinculado à responsabilidade de sua atuação como profissional.

A grande questão posta para a escola e para o professor, nesse momento, é como, em parceria, eles devem assumir um papel político pedagógico no seio de um sistema social que demanda nova produção de conhecimento. Com o desenvolvimento desse trabalho, pudemos evidenciar que é perfeitamente possível a aplicação criativa da Literatura na 1ª série do Ensino Fundamental com a obtenção de resultados positivos.

A educação está passando por um processo de especial atenção e necessita efetivamente da colaboração dos profissionais de educação, imbuídos no ato de melhorá-la e colocá-la onde sempre deveria estar no centro das articulações sociais.

É de fundamental importância uma análise por parte principalmente dos novos profissionais de educação questão chegando ao mercado, em querer e disporem-se a contribuir com essa instituição tão relevante para a sociedade que é a Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, FANNY. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ALMEIDA, Paulo N. **Pipoca**. 45 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BELINKY, T. **Os dez saczinhos**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.

CASASSANTA, Tereza. **Criança e Literatura**. 3 ed. Belo Horizonte: Grafiquinha Editora Ltda., 1989.

COELHO, WELLY N. **A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quíron, 1981.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **A impotência do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLO, Maria. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, M. & ZILBERMAN R. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. 3 ed. São Paulo: Global, 1988.

LUCAS, F. **Literatura e comunicação na era da eletrônica**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Secretaria de Educação Fundamental: **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – Coletânea de textos**. Módulo 2: 2001.

OLIVEIRA, Maria A. **Leitura prazer: interação participativa com a literatura infantil na escola**. São Paulo: 1996.

ORTHOFF, S. **Maria-vai-com-as-outras**. São Paulo: Ática, 2000.

PAES, José P. **Poemas para brincar**. São Paulo: Ática, 2004.

PAZOS, Vanda Inês da S. **Literatura Infanto-Juvenil**. In: FÉLIX, Joanad'Arc B. **Aprendendo a Aprender**. Brasília: Dupligráfica, 2005.

ANEXOS

APÊNDICE 1

PLANO DE AULA Nº. 01

Data: 13 e 14/04/2005

Carga Horária: 10h/a

Disciplina: Língua Portuguesa

Tema: Literatura Infantil

Assunto: Conto de Fadas – Chapeuzinho Vermelho

Série/turma: 1º série “E”

1- OBJETIVO

- Refletir sobre versões diferentes do clássico “Chapeuzinho Vermelho” e criar uma nova versão, valorizando a produção dos alunos.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1 – PROBLEMATIZAÇÃO

- De que forma oportunizar um momento criador através do conto da Chapeuzinho Vermelho, enfatizando as virtudes.

2.2 – PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS

- A professora utilizará como leitura compartilhada duas versões do conto de fadas, Chapeuzinho Vermelho, sendo que cada versão será contada em dias consecutivos, no segundo dia os alunos serão estimulados a produzirem coletivamente a terceira versão da que será valorizada com a utilização de um avental ilustrando o cenário da história. Como recursos didáticos serão utilizados: os livros Chapeuzinho Vermelho, o avental, bonecos, cartolina, caneta hidrocor.

2.3 – AVALIAÇÃO

- Produção coletiva de uma terceira versão da história contada.

ANEXO 1



APÊNDICE 2

PLANO DE AULA Nº. 02

Data: 16/05/2005

Carga Horária: 5 h/a

Disciplina: Língua Portuguesa

Tema: Literatura Infantil

Assunto: Poema - O Dicionário

Série/Turma: 1º Série “E”

1- OBJETIVO

- Conhecer o gênero literário poema, bem como sua estrutura estética, refletindo sobre a importância do uso do dicionário.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1- PROBLEMATIZAÇÃO

- Como apresentar o gênero poema às crianças de 1ª série de maneira lúdica e criativa, abordando a importância do uso do dicionário.

2.2- PROCEDIMENTOS DE ENSINO E RECURSOS DIDÁTICOS

- Com os alunos dispostos em círculo, sentados no chão, a professora apresentará o dicionário, em conversa informal e falará sobre a importância da utilização do mesmo. Em seguida será oportunizado às crianças o texto e as ilustrações do poema “Dicionário” de José Paulo Paes.

Como recursos didáticos serão utilizados o livro, Poemas Para Brincar, de José Paulo Paes, O Dicionário, tiras de cartolina, caneta hidrocor, giz de cera, lápis preto, papel pardo, cola branca e fita crepe.

2.3- AVALIAÇÃO

- Será proposta aos alunos a construção de um dicionário, a professora apresentará uma caixinha com tiras de cartolina dobradas, em cada uma delas terá uma letra do alfabeto. Cada aluno deverá escolher uma das tiras e escrever uma palavra iniciada com a letra sorteada, em seguida os alunos deverão colar as tiras prontas em papel pardo, em ordem alfabética e fixar no muro da sala.

ANEXO 2



APÊNDICE 3

PLANO DE AULA Nº. 03

Data: 23/05/2005

Carga Horária: 5 h/a

Disciplina: Língua Portuguesa

Tema: Literatura Infantil

Assunto: Fábula – Maria-vai-com-as-outras

Série/Turma: 1ª Série “E”

1- OBJETIVO

- Reconhecer nas fábulas uma narrativa que transmite uma lição moral.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1- PROBLEMATIZAÇÃO

- Como levar o aluno a refletir suas ações, e a influência que o meio exerce sobre seu comportamento.

2.2- PROCEDIMENTOS DE ENSINO E RECURSOS DIDÁTICOS

- Com os alunos dispostos em semicírculo a professora contará a fábula Maria Vai Com as Outras, enfatizando o comportamento de Maria, a ausência de opinião própria do personagem principal.

Como recurso será utilizado: o livro, Maria vai com a outra de Sylvia Orthof, o tapete cenário, palitos de picolé, barbante, cartolina, cola branca, caneta hidrocor e lápis de cor.

2.3- AVALIAÇÃO

- Confeção dos personagens e reconto feito pelos alunos por meio de teatro de varas.

ANEXO 3



APÊNDICE 4

PLANO DE AULA Nº. 04

Data: 06/06/2005

Carga Horária: 5h/a

Disciplina: Língua Portuguesa

Tema: Literatura Infantil

Assunto: Lenda – Os dez sacizinhos

Série/Turma: 1ª série “E”

1- OBJETIVO

- Identificar a lenda como uma narrativa de acontecimentos do passado criados pela imaginação do povo, explorando a diversidade cultural do mesmo.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1- PROBLEMATIZAÇÃO

- Como resgatar os costumes, mitos e lendas de um povo de cada região de uma forma criativa e interessante, buscando valorizar a contribuição criadora de cada um.

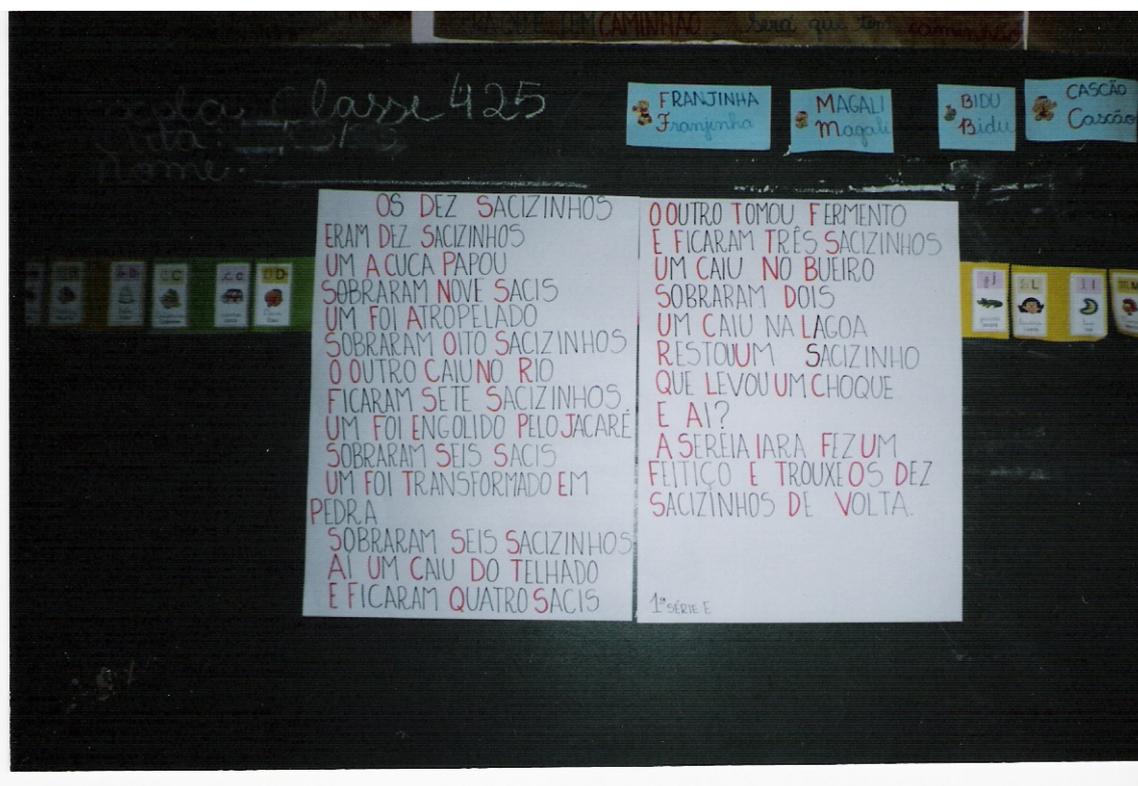
2.2- PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS

- Com os alunos sentados em círculo, a professora fará uma sondagem sobre o que cada aluno conhece sobre as lendas. Em seguida, apresentará o livro, Os dez sacizinhos de Tatiana Belink, e contará a história com a utilização de dedoches. Depois será feita uma produção coletiva da lenda do Saci.
Como recursos didáticos serão utilizados: O livro, Os dez sacizinhos de Tatiana Belink, dedoches, caneta hidrocor, cartolina, fita crepe e papel pardo.

2.3- AVALIAÇÃO

- Produção coletiva da lenda do Saci, partindo da vivência dos alunos.

ANEXO 4



APÊNDICE 5

PLANO DE AULA Nº. 05

Data: 13/06/2005

Carga Horária: 5h/a

Disciplina: Língua Portuguesa

Tema: Literatura Infantil

Assunto: História sem texto escrito – O Pirulito

Série/Turma: 1ª série “E”

3- OBJETIVO

- Levar a criança a ampliar o seu conceito de leitura e conscientizar-se de que a imagem também pode ser lida e interpretada.

4- DESENVOLVIMENTO

2.1- PROBLEMATIZAÇÃO

- Como aproximar a criança da história sem texto escrito, mostrando-lhe outra possibilidade de leitura.

2.2- PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS

- A professora distribuirá individualmente a história sem texto escrito, O Pirulito, de Eva Furnari. Por meio de uma conversa informal, levará o aluno a refletir sobre as imagens, realizando em seguida a interpretação oral. Em um segundo momento, a turma será incentivada a produzir textos de acordo com suas interpretações individuais.

Como recursos didáticos serão utilizados: O livro, O amigo da bruxinha, de Eva Furnari, papel sulfite, lápis e borracha.

2.3- AVALIAÇÃO

- Produção de texto individual.

ANEXO 5

ESCOLA CLASSE 425 DE SAMAMBAIAALUNO(A): Katiana

1. Observe os quadrinhos abaixo:

